

## Escritura e Militância na Literatura Argentina dos 70'

André Queiroz

**Resumo:** Trata-se de buscar a intercessão entre literatura e militância nos anos de exceção quando do cruzamento de dois períodos de ditadura cívico-militar em Argentina: a chamada “Revolução Argentina” (1966-1973) e o “Processo de Reorganização Nacional” (1976-1983). Rodolfo Walsh, Haroldo Conti e Francisco “Paco” Urondo encarnam a materialização do intelectual engajado e comprometido (Sartre) com um processo de radical transformação do estado de coisas em América Latina, e mais especificamente, em Argentina.

**Palavras-chave:** Literatura; militância; luta armada; Estado de exceção; terrorismo de Estado

---

Julio Cortázar, em uma entrevista a Paco Urondo, em 1970, publicada na Revista *Panorama*, afirma: “*A América está formada por uma pequena minoria que tem o controle de cada país y por uma população despossuída e analfabeta*”. Será este um retrato de época – pregado, e esquecido, à parede daqueles tempos? Retrato desde o qual se evoca o que não mais experimentamos neste agora? Reservemos a resposta – se ela encerra alguma possibilidade de precisão (?) – para outra hora. Aqui, o trecho recortado ao corpo extenso da entrevista nos serve de síntese e vetor às experiências de *resistência e de recusa* a que pretendemos esmiuçar neste nosso trabalho de pesquisa. Lá, àquela época, se estava a viver a euforia da revolução possível que era a de Cuba, 1959, e que seria o Chile, 1970, Allende e a Unidade Popular, a esgarçar (este) os mapas do possível - suposto este um improvável (o impossível) aos programas teórico-práticos dos partidos comunistas e suas análises (intermináveis e paralisantes) da conjuntura histórica -, pela via de transição pacífica ao socialismo. Não se está, todavia, aqui a este projeto, a indicar processos

de transformações sociais desde o vértice (num para baixo) das decisões e plataformas de Estado o de que se esteve a viver.

Está-se a sugerir que se vivenciava, sobretudo, a convulsão de situações arcaicas e retesadas nas que as massas estiveram em depósito por várias décadas ao *breve século XX*. Como Cortázar irá afirmar, ainda a esta entrevista a Paco Urondo:

*“(...) Parece-me que cada vez mais há, ainda que pareça um paradoxo, uma tomada de consciência inconsciente por parte das grandes massas que, durante muito tempo, aceitaram sua situação sem maiores protestos, salvo os grupos de choque. Porém toda essa massa indiferente, este campesinato, foi submetida ao regime dos patrões e dos grandes capacetes. Agora tenho a impressão de que isso está ficando para trás rapidamente, é dizer que o último peãozinho já tem no fundo da cabeça a noção de que algo pode passar, de que algo irá passar, um indivíduo que pode ser, perfeitamente, incorporável a um movimento que caminha para o socialismo. (...) Seria uma ruptura da alienação, do estado de alienação das grandes massas latinoamericanas”.*

Este um cenário – ao que faz alusão Cortázar. Impossível situarmo-nos a ele como se fosse um algo estanque – assolado pela poeira da história. Contido e descarnado num tempo de atrás que em nada se comunica ao que vivemos. Outro lado, a compreensão de que também aquele período, e sobretudo a ele, a tensão elevada dos interesses de classes sociais antagônicas (ou de relações de forças, em termos nietzscheanos e foucaulteanos) como que fazendo vir à tona que de sob os argumentos fictícios de que a *pax universal* está depositada no acordo de entre os muitos - *acordo igualitário regido aos modos do Contrato Social* -, o que se vislumbrava num crescendo era a violência de Estado. Violência constitutiva da política – mas recalcada de forma contumaz pelas narrativas que privilegiam os argumentos do consenso e da representatividade. Violência supressiva da política – uma vez que esta (nos termos de Jacques Rancière) apenas e tão somente se faz garantida aos modos do dissenso.

Agosto de 1972. Presídio de Rawson. Cárcere de segurança máxima situado à Patagônia Argentina. Plano de fuga de mais de uma centena de presos políticos

numa operação conjunta das organizações de esquerda FAR, ERP, Montoneros. Está-se sob o regime militar de Lanusse. Alguns, poucos, cerca de seis militantes, conseguem escapar em um avião que seguirá em direção ao Chile da Unidade Popular. Os outros chegam até a proximidade do aeroporto de Trelew - que será cercado por forças militares. Apenas três os sobreviventes, Maria Antonia Berger, Alberto Miguel Camps e Ricardo René Haidar. Todos os outros serão barbaramente fuzilados. Inclusive estes três acima citados. No interior de um dos pátios do presídio – o ingresso da tropa de fuzilamento a secas, as rajadas intermináveis de disparos. Porém, tal como o mote do que virá ser o livro de Rodolfo Walsh, *Operación Masacre*, aqui a este acontecido em Trelew/Rawson, haverá *três fuzilados que vivem*. Enquanto isto, nas ruas, o cerco às organizações políticas se faz radicalizado pelas instâncias repressoras do poder de Estado. Francisco Paco Urondo que trabalhava àquele instante ao periódico *La Opinión*, veículo de comunicação ligado à organização Montoneros, será recolhido ao Cárcere de Villa Devoto. Será lá que começará a compor a série *Cuentos de Batalla* – conjunto de seus doze últimos poemas. Entre eles, um chamado *La Verdad es la única realidad*:

*"Del otro lado de la reja está la realidad, de*

*este lado de la reja también está*

*la realidad; la única irreal*

*es la reja; la libertad es real aunque no se sabe bien*

*si pertenece al mundo de los vivos, al*

*mundo de los muertos, al mundo de las*

*fantasias o al mundo de la vigilia, al de la explotación o*

*de la producción.*

*Los sueños son; los recuerdos, aquel*

*cuero, ese vaso de vino, el amor y*

*las flaquezas del amor, por supuesto, forman  
parte de la realidad; un disparo en  
la noche, en la frente de estos hermanos, de estos hijos,  
aquellos  
gritos irreales de dolor real de los torturados en  
el ángelus eterno y siniestro en una brigada de policía  
cualquiera  
son parte de la memoria, no suponen necesariamente  
el presente, pero pertenecen a la realidad. La única aparente  
es la reja cuadriculando el cielo, el canto  
perdido de un preso, ladrón o combatiente, la voz  
fusilada, resucitada al tercer día en un vuelo inmenso  
cubriendo la Patagônia  
porque las masacres, las redenciones, pertenecen a la realidad,  
como  
la esperanza rescatada de la pólvora, de la inocencia  
estival: son la realidad, como el coraje y la convalecencia  
del mideo, ese aire que se resiste a volver después del peligro  
como los desígnios de todo un pueblo que marcha  
hacia la victoria*

*o hacia la muerte, que tropieza, que aprende a defenderse,*

*a rescatar lo suyo, su*

*realidad.*

*Aunque parezca a veces una mentira, la única*

*mentira no es siquiera la traición, es*

*simplesmente una reja que no pertenece a la realidad”.*



**Paco Urondo está encerrado em Villa Devoto. Também a este presídio, *os três fuzilados que sobreviveram*. Na noite de 24 de maio de 1973, um dia antes de que Hector Cámpora assumisse a presidência da República, Paco Urondo entrevistará durante sete horas a Maria Antonia Berger, Alberto Miguel Camps e Ricardo René Haidar. Será o relato do testemunho do massacre de Trelew, chamado *La Patria fusilada*. Ali, ao relato, entre outros, a palavra dos sobreviventes é palavra *testimonio*, uma palavra definitiva. Será Haidar quem dirá: “Sobrevivemos para contar”. Mais tarde, os três serão seqüestrados. Maria Antonia Berger, uma desaparecida política, desde 16 de outubro de 1979. Alberto Camps, em 16 de agosto de 1977. Ricardo René Haidar, em 18 de dezembro de 1982. Será já então, uma outra ditadura. *Será elas de uma fratura aos tempos em que a paz se equilibrava ao consenso? Será elas o signo-sintoma de que nunca fora outra a***

*condição a que se estava em depósito, e a experiência da liberdade era a de um sopro, um sussurro?* Entre uma cena e outra, do Estado de Exceção, a palavra restituída. O testemunho do que não tarda. O testemunho que será efêmero. Francisco Urondo será empossado diretor do Instituto de Filosofia e Letras da Universidade de Buenos Aires. Quer a Universidade situada de entre os que nada têm de seu, o *demos*. Estava-se ao Governo de Cámpora. No entanto será curto o governo de Cámpora. Dois meses. Depois será a eleição de Perón. Comemora-se, desde Cámpora, o que se pensou ser a experiência, enfim, de um governo popular a Argentina, porém, será à direita peronista a guinada de Perón quando ao governo. Será desde a histórica sacada da Casa do Governo, lugar *inolvidado* de antigos discursos, que ele se dirigirá a esquerda peronista com o desdém dos que *olvidaron* suas proclamas a que lutassem de todos os modos contra a condição opressiva que os assolava. Porque da luta seria a possibilidade da volta deste Perón que, então e agora, se lhe volta, aos Montoneros, a recusa que é a de um Perón presidente a lhe chamar de *imberbes destemperados*. Os Montoneros abandonam a Plaza de Mayo. Tão logo, será a morte de Perón, e então, assumirá Isabelita, e López-Rega, e a triple A, e a noite dos assassinos que, durante ano e meio, como que prepara as portas da Casa Rosada ao Golpe de 24 de Março de 1976. Paco Urondo já estará na clandestinidade.

-----

Gabriel García Márquez descreve uma carta recebida de Haroldo Conti ao princípio do ano de 1976. Parece que Conti estava tenso àquele período. Desde os finais de 1975, já sabia que seu nome constava na lista de agentes subversivos que as forças armadas teriam preparado. Começara a receber ameaças. Ainda não se estava ao quando do Golpe, mas o *Estado de Exceção* já se fazia presente. Os desaparecimentos e assassinatos começaram bem antes do dia 24 de março de 1976, data de nascedouro do regime cívico-militar. Sintomático isto? Porém fundamental dizer ao quê este *sintoma* – o de um *quase continuum* com o que se operava ao governo de Isabelita Perón e José López-Rega (1974-76). Como quando, mais tarde, em 25 de março de 1977 – um ano após o golpe, um ano de governo da Junta Militar, Rodolfo Walsh denunciara na sua *Carta abierta a la junta militar*. Nos termos de Walsh, os “Ás” da Triple A de López-Rega seriam, em

verdade, e de fato, as três forças (A)rmadas. Todo modo, estamos aqui ao destempero de Haroldo Conti, ele a sofrer das ameaças desde antes do golpe – Garcia Márquez teria sugerido a Conti que ele se retirasse da Argentina, ao que este responderá: *“Me quedaré hasta que pueda, y después Dios verá – me decía en su carta – porque aparte de escribir, y no muy bien que digamos, no sé hacer otra cosa”*. Acrescenta à carta *su dirección: Calle Fitz Roy, n.1205. Villa Crespo. Buenos Aires. Argentina*. Haroldo não partirá. Ele dá as pistas. Está ao tabuleiro das ações. Se o recusa no que é desregrado o jogo sujo do terror, afirma sua condição de testemunho em cena – aquele que descreve o que vê porque experimenta em si as cores sacadas da visão.



Todavía ao presente, Haroldo Conti dizia buscar a possibilidade de liberdade ao *homem concreto* – aquele que se vê nas ruas, ou nas Villas Misérias, ao confronto com as mazelas da existência, muitos como que entregues à sorte de suas precariedades. E então, a resistência. Àquele que se perde em meio ao Delta do Rio Paraná que atravessa a região de El Tigre – porque está à pesca, porque está à construção de um bote, porque está ao tempo *largo* das ilhas como quando à limpeza dos pescados. Àquele que habita os confins de Chacabulco, cidade natal de Conti, lugar em que desde há muito saíra, às mãos a mala, *“la misma valija com la que partí de ahí hace esos veinte años que están en alguna parte, desparramados, entre la puerta de calle de esa casa y la puerta de esta outra que cubre ahora mi maduro llanto”*. Desde aí, a este interstício que outro não é do que o tempo no que se planta a vida, e o existir do homem a ela, é que se lhe tece o experimento possível

de uma transvaloração. Isto aos nossos termos – buscados à referência de Nietzsche. Estamos a pensar em seu conto *Como un león* publicado em seu livro *Con otra gente* (1967). Aqui um trecho do conto:

*“Bueno, es así como se marchan todos. Um dia a outro. De cualquier manera, por uno que se va hay otro que llega. Las villas cambian y se renuevan continuamente. Son algo más que un montón de latas. Son algo vivo, quiero decir. Como un animal, como un árbol, como el río, esse viejo y taciturno león. Como el león, justamente. (...) Me levanto a los tumbos, no precisamente como un león, sino como un perro vagabundo al que le acaban de dar un puntapié en el trasero. (...) Cruzo las vías y después de vagar un rato entre los galpones y las locomotoras abandonadas me siento sobre una pila de durmientes como lo hacía cuando estaba el viejo. Naturalmente, me acuerdo de él, y después del Tito o de cualquier otro y, por supuesto, de mi hermano. De todos los que se fueron. Es como si estuvieran aquí, a esta hora. Algunos me miran, otros dicen cosas. Yo les sonrío y a veces les respondo. Sé que tarde o temprano iré tras ellos. Tarde o temprano la vida se me pondrá por delante y saltaré al camino. Como un león”.*

Manual diário da sobrevivência – um dia após outro tal como uma roda que gira. Resta o salto. Não é pouco o salto. Mesmo que se esteja ao giro que é o da roda. Talvez não mais do que isto o que se traga às mãos quando estas não estão enganchadas em alguma outra valise, em alguma outra partida. *“Mi tiempo, la historia, lo que llevo de ausencia”*. Muito pouco às tertúlias, quase nunca às celebrações na que um escritor é arremessado de encontro ao que lhe seria a sua obra – instância de sobrevôo, alçada de permeio na que se vai destilando o personagem que atende em ser *autor*, um nome colado ao roteiro das páginas das que se assina. Haroldo Conti procura se desvencilhar de aí, este lugar, a distinção que lhe seria própria, o corredor do prestígio, tudo o que se lhe volta como que a bater no rosto – acena, em contrapelo, aos recuos (*como saltos num para atrás*) onde é o ato mesmo do escrever o que se lhe destina a escritura, e não mais do que

isto, e tão somente isto. Ali, o escritor que se é. Quando for o caso se estar ali. São palavras de Conti ao livro de Rodolfo Benasso chamado *El Mundo de Haroldo Conti*: “*Yo soy escritor nada más que cuando escribo. El resto del tiempo me pierdo entre la gente. Pero el mundo está tan lleno de vida, de cosas y sucesos, que tarde o temprano vuelvo con un libro. Entre la literatura y la vida, elijo la vida. Com la vida rescato la literatura; pero aunque no fuera así, la elegiría de todas maneras*”.

04 de maio de 1976. O endereço de Haroldo Conti é sabido. Sua direção é ainda a mesma – Calle Fitz Roy, 1205. Villa Crespo. Trabalhara o dia inteiro no conto *A la diestra*. Depois sairá com a mulher. Irá ao cinema. Conti sabe que está na lista dos oficiais. Parece que não se importa em buscar a desapareição de um exílio. Ouviu-se dizer - ele ouviu - que o exílio é forma estranha de apagamento. Começa por desvencilhar-se da língua. Perder a casa da palavra. E então se perde os contornos no que fora o tempo o que se esgarçara, um homem a se inscrever neste *dentro*, esparramado entre uma porta e outra porta, entre uma casa e outra casa, às mãos a valise que, por vezes, é a mesma. E num repente, não mais. Como se lhe caísse o nome que está pregado a estes caminhos. Apegado a eles. Desde fora até a casa. No caso, a situada a Rua Fitz Roy, 1205. Ali ele atende aos seus. Ali ele recebe os amigos. Como àquele 04 de maio de 1976, um que lhe chegara de Córdoba. Haroldo Conti não partirá ao exílio. Quer receber os amigos. Estar com eles. Parece que recebera o convite a ir-se de Argentina. Resolveu que ficaria. Trazia consigo o dever do testemunho – testemunhar o homem afincado à sua solidão, porque parece, ele diria, que pode se tecer espécie de comunidade de sentimentos nos que o homem, ou todos os homens, como que se reconhecem. Recuo, resguardo, a experiência da solidão. O experimento da casa – lugar desde onde se parte, lugar *para onde* se chega. Aqui é Haroldo Conti: “*Escrebí sobre una realidad que pretendo conocer. Esta realidad se ubica en un tiempo y en un lugar. Mi fidelidad es a ese tiempo y lugar y no se le asigno outro mérito que la exactitud. Pero a mi entender, la lealtad y el compromiso residen precisamente en eso. (...) Quiere decir esto que se desentiende de los problemas de su tiempo? Al contrario, es la parte más viva, el signo de la vitalidad de un tiempo y de una sociedad (...), alguna pretendida literatura comprometida corre el riesgo de ser pasatista ella también, cayendo en las mismas generalizaciones de tipo burguês que inicialmente la provocaron. Ha perdido la espontaneidad y la libertad. Y entiéndase que al decir libertad, no me refiero a la*

*abstracción burguesa de los discursos patrios, los comunicados militares, las declaraciones de la Sociedad Interamericana de Prensa o el Comité Pro Autodeterminación de los Pueblos Cautivos, sino a aquella reserva de determinación e imprevisibilidad que alienta en el hombre y cuyo contenido y significación podrá otorgarsela él solo” (In: El mundo de Haroldo Conti).*

Seu conto *A la diestra* permanecerá em sua máquina de escrever quando naquela noite Haroldo Conti foi arrestado de sua casa. Parece Marta, sua companheira, intercedeu por ele. Ela, que fora agredida até que lhe partissem a costela, e ainda assim, aos restos de força como que a interceder por ele. *Conti, o conto?* Os dois – soltos juntos desenvoltos. Os filhos dormidos com clorofórmio. O amigo de Córdoba inconsciente, no chão, amarrado e com os olhos vendados. Gabriel García Márquez conta o que lhe contou Marta. Ela ainda pode se despedir dele. Com assombros ao perceber que ele não tinha vendas aos olhos. Signo sinal de que não veria mais aquele que tudo pode ver àquela cena. É que os verdugos cerravam os olhos dos que voltariam a ver. Aos que era dada a possibilidade de testemunho seria então a esta o contraponto da certeza de que se lhes inscreveria o assalto. Derradeiro, mordaz, letal. Desaparecimento do possível - tornar suspenso o testemunho. Haroldo Conti começa ali a desaparecer. Ainda agora, ele a isto. Restaram aquelas palavras do conto como se lhe fossem as palavras derradeiras. *Lo que lleva de ausencia*. Palavra que fala do que falta.

-----

*04 de octubre de 1976.*

*“Querida Vicki. La noticia de tu muerte me llegó hoy a las tres de la tarde. Estábamos en reunión... cuando empezaron a transmitir el comunicado. Escuché tu nombre, mal pronunciado, y tardé un segundo en asimilarlo. Maquinalmente empecé a santiguarme como cuando era Chico. No terminé ese gesto. El mundo estuvo parado esse segundo. Después les dije a Mariana y a Pablo: ‘Era mi hija’. Suspendi la reunión.*

*Estoy aturdido. Muchas veces lo temia. Pensaba que era excesiva suerte, no ser golpeado, cuando tantos otros son golpeados. Si, tuve miedo por vos, como vos*

*tuviste miedo por mí, aunque no lo decíamos. Ahora el miedo es aflicción. Sé muy bien por qué cosas ha vivido, combatido. Estoy orgulloso de esas cosas. Me quisiste, te quise. El día que te mataron cumpliste 26 años. Los últimos fueron muy duros para vos. Me gustaría verte sonreír una vez más.*

*No podre despedirme, vos sabes por qué. Nosotros morimos perseguidos, en la oscuridad. El verdadero cementerio es la memoria. Ahí te guardo, te acuno, te celebro y quizá te envidio, querida mía.*

*05 de octubre de 1976.*

*Hablé con tu mamá. Está orgullosa en su dolor, segura de haber entendido tu corta, dura, maravillosa vida.*

*Anoche tuve una pesadilla torrencial, en la que había una columna de fuego, poderosa pero contenida en sus límites, que brotaba de alguna profundidad.*

*Hoy en el tren un hombre decía: 'Sufro mucho. Quisiera acostarme a dormir y despertarme dentro de un año'. Hablaba por él, pero también por mí.*

*Tu papá.*



Lilia Ferreyra descreve este como o maior dos golpes de que sofrera Rodolfo Walsh. Os amigos que não paravam de cair. Até que fora a filha. Uma coisa a assomar-se a outra. Como de pronto fora, ainda há pouco àquela hora, a decepção de Walsh para com o que veio a ser o governo de Perón e seus desdobramentos infaustos. E isto depois de tanta mobilização popular por seu regresso. O sacrifício histórico dos peronistas da esquerda revolucionária. Os sacrifícios dos Montoneros. Tantos deles caídos quando de Trelew/Rawson. Ou ainda antes, o

Cordobazzo e a resistência operária sob o massacre dos fuzilamentos. Era Onganía, depois será Lanusse. Pensar que Perón incentivara as organizações a que lutassem com todas as suas forças a ver se dobravam a hegemonia fascista dos militares e do empresariado. Ditadura cívico-militar. Como a que virá depois. Porque parece sempre se está a esta condição na que o Estado se interpõe entre o Capital e as massas a fazer para aquele o seu trabalho sujo: trabalho administrativo, judiciário e penal. Gestão das gentes até quem sabe a extenuação. *Imagens da biopolítica. Fazer viver, e deixar morrer.* Ou, por vezes, apressar a que se morra como quem demarca os pontos de corte. Pensar que Perón incentivara a rebelião pela defesa inalienável do direito de recusa. Pelo incentivo a que se estabelecesse a violência revolucionária quando se estava (se esteve) face ao intolerável. Rodolfo que preferia manter aguçada a sua suspeita. Ele que custara tanto para se aproximar do peronismo. Todavia estava *dentro* do tempo histórico que lhe coube. E a Haroldo Conti. E a Francisco Paco Urondo. Como a todos aqueles que estavam lá ao testemunho – de sob o recuo de portas e o avanço das posições. Walsh somente aos fins dos 60', estará mais próximo ao peronismo – algo que se inaugura quando pode estar com Perón em seu exílio em Espanha. Nada que planejado de forma obstinada. Nada que isso. Tratava-se de uma de suas idas a Cuba – e, àquela época, a ausência de uma rota direta desde Argentina obrigou Rodolfo Walsh a pousar em Praga e de lá, Espanha. E então, o encontro, a reunião, o convite que lhe será feito por Raymundo Ongaro, Secretário Geral da CGT dos trabalhadores. Tratava-se das costuras estratégico-políticas de Perón e Ongaro para desestabilizar a campanha de Augusto Timóteo Vandor, Secretário Geral da CGT Azopardo - a única reconhecida oficialmente àquela época de *Estado de Exceção*, quando era a ditadura de Onganía, 1968, e Vandor, um dirigente metalúrgico, mantinha boas relações com os setores militares ao poder e com os representantes das grandes empresas internacionais. Tratava-se, então, de combatê-lo. Fundamental que não se passe despercebido ao projeto de autonomia nacional e de desenvolvimento industrial com larga participação dos trabalhadores no produto interno produzido (a chamada 'redistribución de los ingresos') que fora a tradição histórica da liderança peronista desde os idos dos 40' e 50'. Walsh não irá declinar da função de intelectual a que estivera posto. São palavras suas: *“El intelectual que no comprende lo que pasa en su tiempo y su país, es una contradicción andante; y el que, comprendiendo no actúa, tendrá un lugar en la*

*antología del llanto, no en la historia viva de su tierra*”. Trata-se de um texto que se chama *Mensaje a los trabajadores y al pueblo argentino*. Não havia como retroceder, não havia recuo possível a Rodolfo Walsh. Tratava-se de contribuir para a derrocada do Estado de Exceção e preparar o terreno para o final da proscricção de anos aos peronismos e, em particular, ao exílio de 17 anos de Juan Domingo Perón. E assim será. Primeiro em *La Prensa, un semanário de la CGT*. Está-se aos fins dos 60’. As contradições históricas das forças sociais estão tensionadas. Lanusse, antiperonista radical, liderança militar da ditadura aos finais dos 60 e inícios dos 70, ele mesmo, começará por rever a proscricção ao peronismo. Quem sabe fosse Perón aquele que pudesse fazer baixar o fogo da ingovernabilidade? Eis que as bases históricas estão dadas. Perón regressará. Idos de 72. Vai e volta. De Espanha a Argentina e a Espanha. Entre idas e vindas, o massacre de Ezeiza. É que será organizada ampla concentração popular para a chegada do velho caudilho depois de 17 anos de exílio. Antes da chegada de Perón, a direita peronista resolve medir forças – *resolve fazer ver que não estará ausente de um futuro governo de Perón* – e o faz sob disparos de metralhadoras na direção da multidão de mais de milhão de pessoas. Parece que Rodolfo antevira algo. Sob o afiado de sua analítica, sob a força de sua arma literária. Está-se aos fins de 1972. Não custará o ano seguinte – Cámpora, Perón. Difícil situá-los a esta ordem – porque mesmo quando ao governo de Cámpora presidente, quem estará já ao poder será Perón. E então, a renúncia. E então, a eleição de Perón. E então, a sua morte. Indicamos num atrás, aos modos da *síntese e vetor* o que será o arrasto das lideranças populares sob os nomes de Isabelita e de López-Rega, e seu *terrorífico invento* chamado de Triple A.

*“La censura de prensa, la persecucción a intelectuales, el allanamiento de mi casa en el Tigre, el asesinato de amigos queridos y la perdida de una hija que murió combatiendolos son algunos de los hechos que me obligan a esta forma de expresión clandestina después de haber opinado libremente como escritor y periodista durante casi treinta años. El primer aniversario de esta Junta Militar ha motivado un balance de la acción de gobierno en documentos y discursos oficiales donde lo que ustedes llaman aciertos son errores, los que reconocen como errores son crímenes y lo que omiten son*

*calamidades. El 24 de marzo de 1976 derrocaron ustedes a un gobierno del que formaban parte a cuyo desprestigio contribuyeron como ejecutores de su política represiva, y cuyo término estaba señalado por elecciones convocadas para nueve meses más tarde. En esa perspectiva lo que ustedes liquidaron no fue el mandato transitorio de Isabel Martínez sino la posibilidad de un proceso democrático donde el pueblo remediara males que ustedes continuaron y agravaron. (...)*

*En esos enunciados se agota la ficción de bandas de derecha presuntas herederas de las tres A de López Rega, capaces de atravesar la mayor guarnición del país em camiones militares, de alfombrar de muertos el Río de la Plata o de arrojar prisioneros al mar desde los transportes de la Primera Brigada Aérea 7, sin que se enteren el general Videla, el almirante Massera o el brigadier Agosti. Las tres A son hoy las tres Armas, y la Junta a que ustedes presiden no es el fiel de la balanza entre ‘violencias de distintos signos’ ni el arbitro justo entre ‘los terrorismos’, sino la fuente misma del terror que ha perdido el rumbo y solo puede balbucear el discurso de la muerte”.*

Pequeno trecho de sua *Carta Aberta a Junta Militar* no dia de seu primeiro aniversário ao poder do *Estado de Exceção*. Dia 25 de março de 1977, chega de trem com Lília Ferreyra da casa de San Vicente a Estação de Retiro. Lília traz consigo cinco cópias da carta – que será entregue a diversas fontes. Rodolfo leva consigo as suas cópias. Não lhe serão poupadas as cópias que trazia consigo. De algum modo, fora Lília Ferreyra quem intercedera pelas outras no que as guardava sob a casaca. Como Marta Scavack na cena de Haroldo Conti. Haroldo que não quisera a si o exílio. Não *houvesse sido desaparecido*, talvez lesse as palavras de Juan Gelman, em maio de 1980, ao livro *Bajo la lluvia ajena*: “*Estoy desterrado de vos. Mis pies pisan otras tierras, y la cosa es que viva yo en otras tierras sin mentirme, sin mentir*”. Haroldo Conti preferiu dar a sua *dirección: calle barrio municipalidad*. Foi de lá que o arrastaram. Francisco Paco Urondo foi até Mendoza. Sabia que lá seria reconhecido pelas forças da repressão. Até mesmo buscou apelar aos da direção nacional da organização Montoneros que não fosse deslocado para um operativo àquela região, Mendoza, San Juan. Vivera lá, seria

reconhecido lá. Todavía, não se furtou de ir. Está-se (esteve-se) à palavra como se estivera à crítica e ao compromisso. Não voltou de Mendoza. 16 de Julho de 1976 é a sua data. Nela quiseram colocá-lo inteiro. Fazer com que coubesse todo àquele dia que de nunca outro um dia a ele. *Quem sabe ainda.* São palavras de Juan Gelman, em seu livro de 1980: *“También me acuerdo, Paco, años después – cuatro? cinco? – de la casa clandestina por el barrio de Constitución donde nos reuníamos a veces. Y del gesto que me hiciste – pulgar derecho hacia abajo, como los emperadores de Roma – cuando me abrias la puerta esa vez que me tuviste que anunciar que la organización me mandaba a Europa, al exterior. Ni vos ni yo queríamos que yo me fuera. Ya se moría menos de muerte natural y ninguno de nosotros quería irse del país, de eso que habia empezado en el país.*

*Y después, te matoron. Te ibas volviendo cada vez más hondo para entonces, más alegre y humano. Sigo pensando, hace años que lo pienso – cuatro? cinco? -, que era mejor que te mandaran a Roma a vos. Ahora estarias haciéndote de comer en tu casita, recordándolo al Moro, recordándome, lejos, cerca.*

*No me quiero morir en lugar tuyo, aunque a veces quisiera estar en tu lugar. Lo que pasa es que una vez me dijiste que ibas a vivir ochenta años y yo te creí. Y todavía te creo”.*



Lilia Ferreyra salvou as cópias que nos restaram. Não estivesse ela. Rodolfo Walsh foi arrestado com as outras. Dele nunca mais se soube, o corpo. Todavía, ao escrever aquelas que lhe foram as últimas palavras, a torrente de crítica e denúncia que atravessa a carta de forma tão incisiva e impiedosa, Rodolfo não se

furtou de assiná-la. Poderia, quem sabe, lançá-la a sorte – apócrifa - como à Rosa dos Ventos. Todavía, resolveu deixar lá a sua *dirección*. Não agora, e ali, a de sua casa em San Vicente. Mas a *direção* de seu nome, seguido dos números de sua carteira de registro civil. Como se atestasse que esteve ali, que estava ali, e que o escritor que lhe havia estava todo em depósito na imanência daquela hora, a da escrita da palavra definitiva.

### Bibliografía:

- BARTHES, R et alii. *Escrever... para quê? Para quem?* Lisboa: Edições 70, 1974.
- BLANCHOT, M. - *La Communauté inavouable*. Paris: Les Éditions de Minuit, 1983.
- BONASSO, M. “*Las varias vidas de Paco Urondo*”. In: *La Cultura en México en la cultura – Suplemento de siempre!* N. 1316. México D. F. 25 de Junio de 1987.
- CAIROLI, I. *Diálogos con Haroldo Conti*. Buenos Aires: Editorial Fraterna, 1984.
- CONTI, H. *Con otra gente*. Buenos Aires: Centro Editor de América Latina, 1992.
- CORBATTA, J. *Narrativas de la guerra súcia en Argentina (Piglia, Saer, Valenzuela, Puig)*. Buenos Aires: Ediciones Corregidor, 1999.
- CORTÁZAR, J. “*Júlio Cortázar: El Escritor y sus armas políticas*”. Entrevista a Cortázar por Francisco Paco Urondo. In: *Revista Panorama*, n.187. Buenos Aires, 1970.
- FERNÁNDEZ, J. *Rodolfo Walsh – entre el combate y el verbo*. Buenos Aires: Ediciones Lea, 2005.
- GILMAN, C. *Entre la pluma y el fusil – debates y dilemas del escritor revolucionario en América Latina*. Buenos Aires: Siglo XXI, 2012.
- MONTANARO, P. *Francisco Urondo. La palabra en acción. Biografía de un poeta y militante*. Rosário: Homo Sapiens Ediciones, 2003.
- MONTERO, H. & PORTELA, I. *Rodolfo Walsh, los años montoneros*. Cuadernos de Sudestada. Buenos Aires: Ediciones Continente, 2010.

- QUEIROZ, A. - *A Coragem da verdade – Conversas com Ney Ferraz Paiva*. Rio de Janeiro: Pazulin, 2013.
- \_\_\_\_\_. “Escrever a resistência, escrever a recusa”. *Aisthe (Online)*, v. 10, p. 122-133, 2012.
- REDONDO, N. *Haroldo Conti y el PRT. Arte y subversión*. La Plata: De la Campana, 2010.
- RESTIVO, N. & SÁNCHEZ, C. *Haroldo Conti – biografía de un cazador*. Rosário: Homo Sapiens Ediciones, 1999.
- SARTRE, J.P. *Situations III*. Paris: Gallimard, 1947.
- \_\_\_\_\_ *Situations IX*. Paris: Gallimard, 1972.
- \_\_\_\_\_ *Em defesa dos intelectuais*. São Paulo: Ed. Ática, 1994.
- \_\_\_\_\_ *Que é a literatura?* São Paulo: Ed. Ática, 2004.
- TCHERKASKI, J. *Mirar la muerte. Conversaciones con mujeres de escritores desaparecidos*. Buenos Aires: Catálogos Editorial, 2008.
- URONDO, F. *La Pátria fusilada*. Buenos Aires: Libros del naufrago, 2011.
- \_\_\_\_\_ *Obra poética*. Buenos Aires: Adriana Hidalgo, 2011.
- WALSH, R. *Operación Masacre*. Buenos Aires: Ediciones de la flor, 2001.
- \_\_\_\_\_ *Caso Satanowsky*. Buenos Aires: Ediciones de la flor, 2010.
- \_\_\_\_\_ *Quién mato a Rosendo?* Buenos Aires: Ediciones de la flor, 2004.
- \_\_\_\_\_ *Ese hombre y otros papeles personales*. Buenos Aires: Ediciones de la flor, 2010.
- \_\_\_\_\_ *Carta abierta de un escritor a la junta militar. 24 de marzo de 1977*. Buenos Aires: Ministerio de Justicia, Seguridad y Derechos Humanos de la Nación, 2010.
- \_\_\_\_\_ *El Violento oficio de escribir. Obra periodística (1953-1977)*. Buenos Aires: Editorial Planeta, 1995.